

Safari com o Dr. Gutenberg

Há dias em que ele abusa. E Deus sabe o quanto apreciamos os tipógrafos e — mais ainda — os editores! A verdade, porém, é que a situação se torna difícil para o bibliógrafo que em quatro meses viu chegarem-lhe 1,40 metros de livros sobre dois séculos de África lusógrafa (e um pouco hispanógrafa). As rotativas ganham embalagem e é altura de pôr em marcha a engrenagem. Johan Gutenberg desconhecia os *big five*, para usar a gíria dos caçadores da Califórnia, mas é provável — e as suas bíblias são disso testemunho — que não tivesse como alvo senão caça grossa. A verdade é que os safaris deixaram de ser o que eram, democratizaram-se, e hoje em dia dispara-se sobre qualquer criatura que se mova, seja um macaco, um cão selvagem, um ocapí (com muita, mas mesmo muita sorte), uma palanca preta ou um pangolim. Há até quem prefira o homem. Neste caso, não é preciso licença de caça, as taxas são nulas e há quem os coma. Em suma, o leitor, tal como o amante de tiros de espingarda tropicais, pode contar com uma escolha variada, mas não necessariamente de primeira qualidade. Eclectismo — eis a palavra em voga entre os Nemrod da impressão. Adoptamo-la.

Comecemos pelas generalidades e por agrupamentos de vários países. *Slavery and Slaving in World History*¹ é uma bibliografia elefântica, em dois volumes, da autoria de um historiador com provas dadas em Angola. O primeiro inclui 10 344 entradas (livros, artigos, capítulos, etc.), o segundo 3897 (e isto apenas para cinco anos). Não estão anotadas, mas uma arrumação muito minuciosa e, sobretudo, um macroíndice permitem localizar com rapidez as coutadas mais visitadas. Observa-se, assim, que o Brasil regista 240 trabalhos, as colónias portuguesas oito — só para a escravatura —, mas o tráfico de

¹ Joseph C. Miller (coord.), *Slavery and Slaving in World History. A Bibliography*, Armonk (EUA), NY 10 504, M. E. Sharpe, Inc., 1999, vol. I, 1900-1991, XIX+584 páginas, e vol. II, 1992-1996, XXI+244 páginas, índice.

negros luso-brasileiro no Atlântico 34. Isto apenas para o quinquénio de 1992-1996! É óbvio que esta excelente bibliografia merece figurar em qualquer biblioteca sobre os PALOP. Mas a publicação, em menos de um século, de mais de 14 000 peças sobre os negreiros, desde a Antiguidade até aos nossos dias, causa arrepios na espinha e dá que pensar sobre a natureza humana ao longo das várias épocas. Em todo o caso, e ainda que a caça aqui seja o próprio homem, estamos perante um trabalho colossal, este que Miller e os colaboradores realizaram, chegando ao ponto de seguirem o rasto de tão abjecta ocupação nos *electronic journals, and specialized websites*.

Mais gratificante e não menos útil é uma publicação extremamente bem ilustrada que se intitula *As Fronteiras de África*² e em que a palavra «portuguesa» está subentendida, uma vez que se trata do catálogo de uma exposição consagrada à cartografia colonial, quer no terreno (trabalhos de delimitação) quer em gabinete, e que diz sobretudo respeito a Angola e a Moçambique. De caminho, recorda-se a partilha colonial — nas introduções e na iconografia — e o papel central desempenhado por Portugal. Ignoramos se esta exposição registou grande afluência de público, mas para o historiador o catálogo é indispensável. Trabalho gráfico bem conseguido.

Menos lisonjeira para os Portugueses é a recolha de artigos, reunidos num volume, feita por David Birmingham. Contingências da caça? Na primeira página que abrimos (p. 134) deparamos com as duas frases seguintes: «Sexual exploitation has always been a strong feature of Portuguese colonialism and in his memoirs general Delgado recorded how senior government officials visiting Angola expected their hosts to provide them with African girls so young and unexperienced that they were unlikely to infect their abusers with disease. In one extreme case a black novice nun was forced to act as hostess.» Lamentamos, mas a memória que guardamos de uma longa viagem por Angola não permite corroborar esta generalização. Nem noviça nem desembaraçada, preta, cinzenta ou branca — nunca nenhum dos nossos anfitriões nos propiciou a oportunidade de experimentar *in vivo* os prazeres do luso-tropicalismo local. É certo que não éramos nem ministro, nem general, nem sequer funcionário. Os historiadores quase sempre se precipitam na escolha da carreira. Muitas vezes acabam por arrepender-se, mas então já é tarde de mais. Neste *Portugal and Africa*³ lemos igualmente, a p. 176: «A twentieth-century traveller, donc traveller, René Pélissier, found Jewish street names in Dondo 40 years after Assis wrote his novel. He too wrote a

² *As Fronteiras de África*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses (CNCDP), 1997, 99 páginas, 107 mapas e ilustrações coloridas e a preto e branco.

³ David Birmingham, *Portugal and Africa*, Basingstoke (Inglaterra), Macmillan Press, 1999, VIII+203 páginas, índice.

remarkable novel, part myth, part travelogue, part history, part journalism. It is called *Explorar* and, in the tradition of Assis, provides penetrating insights that go beyond any academic presentation.» Pobres de nós que, julgando ter publicado o «grande livro de viagens filosófico» sobre o fim da colonização portuguesa em Angola nas vésperas da sua morte, ingressámos, assim, sem o saber, na galeria dos romancistas angolanistas. E em mais de vinte anos vendemos menos de trinta exemplares do nosso *Explorar*⁴ em Portugal e 21 exemplares em Angola. Obrigado, Prof. Dr. Birmingham: o senhor revelou-nos a nós próprios. Já só aguardamos um sinal dos professores de literatura e a consagração das antologias para deixarmos de vez o triste ofício de historiador e pormos fim às notas de rodapé. Este *Portugal and Africa* não diz apenas respeito a Angola nem ao período recente; nele encontramos, entre outras coisas, um paralelo entre a colonização portuguesa inicial e os empreendimentos da Roma antiga, o *Regimento da Mina*, o *ultimatum* de 1890, etc. Trata-se de um livro de leitura agradável, cheio de ideias novas e até de factos por nós ignorados. Assim, o artífice da expulsão dos Portugueses da Niassalândia ter-se-ia chamado Harry Johnson, e não Johnston, como ele julgava — e com ele todos os seus biógrafos e nós próprios. Recomenda-se o capítulo «Angola revisited», que esclarecerá o leitor sobre a forma como o MPLA ensina — ou antes proíbe que se ensine — a história local (pp. 168-170) aquando da sua passagem (1987). A partir dessa altura deixa-se de saber se os instrutores vietnamitas e leste-alemães da época ainda lá se encontram. De qualquer forma, trata-se de uma recolha que extirpa muitos dos mitos mais resistentes, e os ditos instrutores poderão sempre ler o texto seguinte para esclarecerem o cerne da questão.

*A Luta pela Independência*⁵ é uma dissertação de mestrado (ISCTE) datada de 1998 e analisa a formação intelectual, ideológica e política dos quadros nacionalistas que em África lutaram contra a colonização de Lisboa. O autor passa em revista o ensino, a influência das missões, as organizações de africanos (e não só universitários), em Portugal, o apoio que receberam no exterior, os primeiros anos de actividade política da FRELIMO, do MPLA e do PAIGC, bem como outros elementos. Tudo isso foi já objecto de estudo, de forma mais ou menos aprofundada e mais ou menos feliz, fora de Portugal. O mérito de Dalila Cabrita Mateus reside no facto de «naturalizar» estes trabalhos para um público português, sistematizando o que já é conhecido e acrescentando-lhe elementos retirados das entrevistas concedi-

⁴ René Pélissier, *Explorar. Voyages en Angola et autres lieux incertains*, 78 630 Orgeval (França), Edition Pélissier, 1979, 256 páginas, mapas.

⁵ Dalila Cabrita Mateus, *A Luta pela Independência. A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 1999, 300 páginas, fotos.

das por alguns dos protagonistas. Esta é, aliás, a parte mais interessante. Mas a bibliografia utilizada contém lacunas inexplicáveis, mesmo tendo tomado como única base os recursos locais. Tratando-se de um assunto tão restrito, esperava-se uma cobertura livresca mas vasta. A autora utilizou, contudo, os arquivos da PIDE, o que faz do seu livro um instrumento útil.

Teria sido interessante ficar a saber o que esses arquivos contêm sobre uma personagem — ensaísta, romancista, editor, jornalista, agente secreto, etc. — que visitava muito Lisboa, Angola, a Guiné e Moçambique entre 1972 e 1976 e que se deixou fascinar pela decadência da colonização portuguesa, vindo a tornar-se conselheiro político de Jonas Savimbi, que o decepcionou muito menos do que os oficiais portugueses. Com efeito, Dominique de Roux⁶ procurava nas aventuras ultramarinas de um regime em estertor razões para acreditar que os heróis nunca morrem. Seja qual for a opinião que se tenha sobre o homem de letras, o seu activismo, os seus entusiasmos, os seus comprometimentos políticos, a verdade é que é o único escritor com alguma notoriedade que consegue introduzir o ultramar português na literatura francesa. Além de ser também um estilista. O livro compõe-se de testemunhos encomiásticos e de correspondência vária. Inclui um capítulo intitulado «Le Portugal et l'Angola» (pp. 375-424) com uma carta de Savimbi. Era um cavaleiro do Graal em busca do seu Afonso de Albuquerque. Em boa verdade, ter-se-ia contentado com Mouzinho de Albuquerque. Apenas encontrou Spinola. A bibliografia é excelente, e o conjunto útil para se ficar a conhecer uma época e um ambiente.

*Marcas da Guerra Colonial*⁷ não lhe teria, provavelmente, agradado, pois o autor, o jornalista Jorge Ribeiro, sabe o que se escondia por trás dos estandartes portugueses. O livro é uma sequência de investigações sobre aspectos pouco conhecidos ou ocultados da guerra portuguesa e as sequelas que deixou. Citaremos, entre outras: os mutilados de guerra 25 anos depois, as actividades das tropas auxiliares (Flechas, etc.), o papel das portuguesas na retaguarda e no terreno, a guerra química e, sobretudo, um longo capítulo dedicado aos crimes de guerra, para o qual o autor recolhe apreciações de vários comentadores, entre os quais Eduardo Lourenço, que, sempre incisivo e perspicaz, vai ao fundo das questões na sua intervenção, «Uma cultura do silêncio» (pp. 220-222). Um livro que se aconselha aos jovens leitores para os ajudar a combater os velhos demónios portugueses.

*The Making of Portuguese Democracy*⁸ é, antes de mais, um relato e uma análise da revolução de 1974-1976, vista por um profissional da cultura

⁶ Jean-Luc Moreau (coord.), *Dominique de Roux. Les dossiers H*, Lausana, L'Âge d'Homme, 1997, 522 páginas, fotos.

⁷ Jorge Ribeiro, *Marcas da Guerra Colonial*, Porto, Campo das Letras, 1999, 296 páginas, fotos.

⁸ Kenneth Maxwell, *The Making of Portuguese Democracy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, xiii+250 páginas.

portuguesa. A este título, a obra contém umas dezenas de páginas sobre a descolonização. Com a quantidade de textos já publicados sobre o assunto, o autor tem dificuldade em ser totalmente inovador. Mas não é essa a sua pretensão, oferecendo uma síntese sólida e equilibrada para uso dos Americanos. Ainda assim, a bibliografia poderia ser mais actualizada.

Num outro registo, *South Africa in Southern Africa*⁹ insere-se num género que prolifera entre os anglófonos e que consiste em pegar numa dezena de autores, pedir um texto a cada um e juntar depois esses textos de modo a obter mais um livro. Neste insiste-se na assimetria entre o gigante — o elefante —, a África do Sul, e os seus vizinhos «pequenininhos», entre os quais Angola e Moçambique. Embora peque por falta de originalidade, que seria de todo impossível, o livro dedica numerosas páginas à proliferação de armamento, à ecologia, à política externa, ao açúcar, às migrações, à sida, à electricidade, etc. Os geógrafos e os politólogos terão, pois, interesse em conhecê-lo para poderem acompanhar os fenómenos que respeitam aos dois grandes PALOP.

O mesmo não se dirá dos dois seguintes. *Páginas Secretas da História de Portugal*¹⁰ diz respeito à história com caixa baixa, a bóia de salvação de todos aqueles que procuram os fragmentos de Atlântida nos locais mais insólitos e inadequados. No âmbito do que aqui nos interessa, o livro é reabilitado por uma foto (p. 155) do campo de internamento de Macequece (Moçambique), onde se encontravam detidos alemães e austro-húngaros de 1916 a 1919. Mas o autor é muito discreto sobre Naulila e os prisioneiros de guerra portugueses no Sudoeste africano. Em contrapartida, recomenda--se *Reference Guide to Africa*¹¹ às bibliotecas ricas (?) que querem constituir um fundo generalista africano e se interrogam sobre o que comprar. Mas não para os cinco PALOP tomados individualmente, uma vez que aos dois bibliógrafos apenas interessam os textos que percorram todo o continente africano, repartidos por temas (actualidade, estatísticas, agricultura, folclore, literatura, música, política, religião, feminismo, etc.). Há 944 entradas, todas elas, ou quase, anotadas.

De teor mais especializado, assinalar-se-ão *After Rwanda*¹² e *African Economies in Transition*, vol. 2¹³. O primeiro debruça-se sobre o papel das

⁹ David Simon, *South Africa in Southern Africa. Reconfiguring the Region*, Oxford, James Currey, 1998, vi+259 páginas, mapas.

¹⁰ Rainer Daehnhardt, *Páginas Secretas da História de Portugal*, Lisboa, Publicações Quipu, 1998, 352 páginas, fotos.

¹¹ Alfred Kagan e Yvette Scheven, *Reference Guide to Africa. A Bibliography of Sources*, Lanham, MD (EUA), The Scarecrow Press, 1999, viii+263 páginas, índice.

¹² Jim Whitman e David Pocock (coord.), *After Rwanda. The Coordination of United Nations Humanitarian Assistance*, Basingstoke (Inglaterra), Macmillan Press, 1996, xx+253 páginas, índice.

¹³ Jo Ann Paulson (coord.), *African Economies in Transition*, vol. 2, *The Reform Experience*, Basingstoke (Inglaterra), Macmillan Press, 1999, ix+370 páginas, índice.

Nações Unidas na ajuda humanitária e inclui dois capítulos redigidos por altos funcionários da ONU — um sobre Moçambique, da autoria de Aldo Romano Ajello, e o outro sobre Angola, por Margaret Anstee. Os leitores já sabem onde se registaram os êxitos e os fracassos e não deverão contar com uma crítica áspera a eventuais anomalias. Os autores esforçam-se por explicar e, por vezes, justificar-se a si próprios. Todas as administrações se movem com lentidão, que duplica quando a administração em causa é composta por pessoas oriundas de culturas diversas e nem sempre recrutadas em função das suas competências, mas de acordo com critérios deveras estranhos. O segundo título pertence à categoria dos rinocerontes, e para o abordar requerem-se, de facto, sólidos conhecimentos de econometria. Parece-nos válido o diagnóstico traçado por dois grandes capítulos sobre Angola e Moçambique, que se debatem para se libertarem do dirigismo económico ao mesmo tempo que estão envolvidos numa guerra civil, dispõem de poucos quadros à altura e se encontram mergulhados numa corrupção generalizada (Angola). É o tratamento que tem que se lhe diga. Ao todo, o livro contém mais de 150 páginas, em que se explica — e tenta reparar — o atoleiro económico de uma «descolonização» à portuguesa, agravado por erros monumentais nas políticas escolhidas pelas equipas no poder de 1975 a 1994 (e para lá dessa data) na África luso-marxista.

Num domínio que não suscita polémica, limitemo-nos a assinalar um belo trabalho que só lateralmente diz respeito ao que aqui nos importa. Apreciamos os geógrafos tropicalistas de Lisboa, e *A Descoberta da África Ocidental*¹⁴, de Suzanne Daveau, também. O seu texto agrupa onze estudos de geografia física e humana, escritos entre 1963 e 1993, com grandes incursões nos textos dos autores portugueses dos Descobrimentos, mas também, por vezes, do século XIX. A área abrangida estende-se da Serra Leoa à Mauritânia, inclusive. Como nos encontramos nos limites da actual área de interesses dos Portugueses, juntamos-lhe em anexo, como quem não quer a coisa, uma pequena placa alusiva espanhola em prol do Sara ocidental. Em Daveau, a iconografia tem uma função explicativa e é sumptuosa, enquanto em *Sáhara en el Corazón*¹⁵ serve para sensibilizar e ajudar os refugiados sarianos em Tinduf (Argélia).

E, já que estamos no deserto e no Sahel, vamos dar uma saltada a Cabo Verde, que, juntamente com o Sul de Angola, é o único lugar onde os

¹⁴ Suzanne Daveau, *A Descoberta da África Ocidental. Ambiente Natural e Sociedade*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP), 1999, 292 páginas, além de ilustrações a cores e fotos a preto e branco.

¹⁵ *Sáhara en el Corazón*, Alcázar de San Juan (Espanha), Patronato Municipal de Cultura, 1998, 79 páginas, fotos a cores e a preto e branco.

Portugueses se tornaram xerófitos por longos anos, aqueles em que uma colonização ganha raízes ou se estiola na insignificância das praças. Acrescente-se uma observação que tem mais que ver com o bibliógrafo do que com o historiador (ou amador de safaris). Por que será tão difícil obter a produção livreira de certos organismos oficiais ou semiprivados (fundações) portugueses e palopianos sempre que se pretende publicar resenhas das suas publicações? Não citaremos nomes para não melindrar ninguém, mas não é normal que um homem que há 35 anos publica resenhas sobre o ultramar e o que se lhe seguiu não receba informação sobre certos títulos lusógrafos a não ser depois do que dizem ser o seu «esgotamento». Deverá o mesmo crítico, que faz a resenha de textos de facto menores em holandês, italiano, inglês, alemão, francês, entre outras línguas, ignorar verdadeiros monumentos, cujo único defeito é não serem visitados por serem raros os que sabem da sua existência? A bibliografia não é um passatempo para donzelas desocupadas. Nem uma arma de guerra, nem um favor que se faz aos amigos. Trata-se de um instrumento de difusão da informação e, por conseguinte, do conhecimento. Há burocratas, em vários países, a quem isto parece não agradar. Sentem-se incomodados.

Tomaremos dois exemplos «insulares» que consideramos dignos dos troféus de Rowland Ward aplicados à bibliografia que aqui nos interessa. Parece-nos que *A Imprensa Cabo-Verdiana, 1820-1975*¹⁶, com as suas 870 páginas (19 cm × 26,50 cm), será o principal estudo sobre o tema por muito tempo. Não possuímos conhecimentos que nos permitam pronunciarmo-nos sobre os erros e lacunas da obra, mas não restam dúvidas de que a sua consulta será obrigatória por parte de todos os que quiserem estudar os últimos dois séculos da história de Cabo Verde e da Guiné. O autor não só acompanha a par e passo a emergência e os problemas das publicações locais, como foi esgaravatar a profundidades impensáveis para nos dar conta de quem escrevia o quê, onde e como. De caminho, fornece-nos múltipla informação sobre os autores, ou seja, sobre os actores principais da política e da história do binómio ilhas-Guiné. Afirmamo-lo sem reboço: tivéssemos nós tido esta obra à nossa disposição quando estávamos a trabalhar na história da Guiné, e provavelmente teríamos tido de redigir mais umas 30 páginas. A parte biográfica (114 páginas a duas colunas) é, por si só, um dicionário. Trata-se, pois, de um trabalho que merece as felicitações dos eruditos; pela nossa parte, limitar-nos-emos a apontar ao autor, João Nobre de Oliveira, nascido em Cabo Verde, a necessidade imperiosa de na edição cujo lança-

¹⁶ João Nobre de Oliveira, *A Imprensa Cabo-Verdiana, 1820-1975*, Macau, Fundação Macau, 1998, 870 páginas, fotos.

mento está previsto para a cidade da Praia, sob a chancela do Centro Cultural Português/Instituto Camões, acrescentar um índice onomástico se quiser que o seu texto seja utilizado pelos historiadores apressados. A este propósito, gostaríamos que ele nos dissesse como é que Abdul Injai pôde publicar o seu opúsculo, que é «impossível encontrar», na Imprensa Nacional de Cabo Verde.

Apreciação idêntica quanto à absoluta necessidade de um índice se aplica a um título que nos parece contribuir de forma notável para o avanço do conhecimento do nacionalismo cabo-verdiano. É o trabalho de um jornalista-investigador, que leu muito, mas, sobretudo, fez muitas entrevistas e confrontou informação para nos revelar — a nós, profanos, apesar de tudo — o papel dos cabo-verdianos no PAIGC, fora do partido, mas ainda assim no exílio, e junto dos portugueses *da situação*. A que se seguem os primeiros anos de independência, no tempo em que o PAIGC/PAICV era rei e senhor na Praia. Impossível resumir um livro destes numa crónica, inevitavelmente superficial. Mas é possível afirmar sem receios que o conteúdo de *Cabo Verde: os Bastidores da Independência*¹⁷ esmaga tudo o que até hoje foi publicado sobre a política em Cabo Verde, completando, em muitos casos, o material existente sobre o mesmo assunto, que se restringe à Guiné. Curiosamente, José Vicente Lopes só consultou — à exceção de dois ou três casos — livros em português, o que se diria ser algo escasso, tanto mais que se conhece a prolífica literatura estrangeira sobre Amílcar Cabral. Não lhe levamos a mal, contudo, que tenha grafado erradamente o nosso nome na sua bibliografia. Já não é pouco haver um jornalista cabo-verdiano que nos cita, sobretudo quando em Bissau, dez anos depois da publicação dos volumes que consagramos à Guiné, os historiadores ou outros intelectuais consideram ponto de honra fazer como se nunca tivessem ouvido falar deles. Sem falsos pudores, Lopes diz com desassombro o que lhe agrada ou desagrade na política do PAIGC/PAICV. É um grande avanço, e felicitamos o Instituto Camões local pela sua abertura de espírito — que gostaríamos de encontrar em todos os funcionários de Lisboa.

Se eles forem de viagem a Cabo Verde, permitimo-nos recomendar-lhes um guia¹⁸ que, deixando para trás os habituais *clichés* turísticos, aborda problemas políticos, sociais e até culturais. É mesmo provável que se trate do melhor investimento por parte destas altas individualidades para tentarem compreender o que se esconde por trás das aparências e da literatura. Também é preciso saber levantar os olhos dos *dossiers*. E quem sabe se alguns

¹⁷ José Vicente Lopes, *Cabo Verde: os Bastidores da Independência*, Praia-Mindelo, Instituto Camões, Centro Cultural Português, 1996, 709 páginas, fotos.

¹⁸ Sabrina Requedaz e Laurent Delucchi, *Cap-Vert*, Genebra, Editions Olizanne, 1999, 288 páginas, numerosas fotos e mapas a cores.

até não arranjarão tempo para responder às cartas. Em suma, este guia, redigido por dois francófonos que adquiriram a nacionalidade cabo-verdiana, é um belo convite a viajar num país que parece deixar fascinado quem o conhece. As fotos são magníficas.

Passando de um guia para outro, saltitemos no continente com *Guinée. Guinée-Bissau*¹⁹, sem indicação explícita de autor. Da p. 174 à p. 221 dispõe-se, pois, de uma introdução a um país de que o(s) redactor(es) visivelmente gosta(m): «paradisiaco», «sem pedintes, sem poluição, sem criminalidade», o sonho ecológico para casais em lua-de-mel! Se Teixeira Pinto lesse este guia, vir-lhe-iam as lágrimas aos olhos por ter sido tão mau com a «gente pacífica e honesta» (p. 182) que é o povo da Guiné-Bissau. Não queremos ser rezingões, mas que motivo poderá ter levado a que a edição de 1999 não mencione uma palavra que seja sobre o *putsch* de 1998 nem a devastação a que foi sujeita Bissau? Admitamos o estado de virgindade da bibliografia no que respeita a livros de história local — mas, como nunca é tarde para aprender, o leitor gostaria de ter ficado a saber quem era aquele «americano humanista e benfeitor do povo da Guiné-Bissau» (p. 217) cuja estátua foi derrubada em Bolama por uns camaradas do PAIGC. Enfim, e como é o guia que o diz, deve ser verdade: «Actualmente, a Guiné-Bissau é um modelo para toda a África ocidental» (p. 181).

E, já que estamos em maré de benevolência, passemos a *Wijkverbetering en werkgelegenheid in Bissau*²⁰. Trata-se de um relato sobre a cooperação e o melhoramento dos bairros de Bissau cujo acento tónico recai no papel — preponderante — das mulheres e nos problemas sócio-económicos (sectores formal e informal). É um livro erudito e académico, mas nele fica-se a saber o preço de um saco de 50 quilos de carvão de lenha — uma informação que pode sempre dar jeito enquanto se aguarda o regresso dos investidores e a reconstrução. Deparamos depois com uma tese de história de um sociólogo guineense sobre o reino mandingue de Gabú/Kaabú. *Kaabunké*²¹, de Carlos Lopes, é um texto brilhante, que faz o máximo com o pouco que se sabe do Estado destruído no século XIX pelos Peul/Fula. Não temos a necessária competência para analisar esta longa glosa de tradições orais que se contradizem. Do texto ressalta, no entanto, que o autor se sente mais à

¹⁹ *Guinée. Guinée-Bissau*, Paris, Nouvelles Editions de l'Université, 1999, 224 páginas, fotos e mapas, índice.

²⁰ Z. D. Rodrigues, *Wijkverbetering en werkgelegenheid in Bissau. De kleinschalige produktie van goederen en diensten in Reino-Gambeafada*, PO Box 9104, 6500 HE Nijmegen (Holanda), Development Studies, DWC, 1993, 88 páginas.

²¹ Carlos Lopes, *Kaabunké. Espaço, Território e Poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance Pré-Coloniais*, Lisboa, CNCDP, 1999, 294 páginas, mapas.

vontade nas descrições e reconstituições das estruturas do que na elaboração de um sólido quadro cronológico. Não conseguimos ter a noção clara de quando se terá dado a emblemática batalha de Kansala (entre 1864 e 1867). Há de tudo um pouco (desde a linguística à política actual) nesta tese de história que data de 1988 e que não sofreu actualização nem na problemática (é um direito que assiste ao autor) nem na bibliografia. Sente-se, em toda a obra, a influência das *Annales* e dos etnólogos, reforçada pela necessidade de privilegiar aquilo que valoriza um Estado africano pré-colonial. Tudo isto é defensável num país que anda à procura dos antepassados. A rica cartografia redime, em parte, a ausência de um índice onomástico.

Mudemos de trópicos e entremos em Angola com aquilo que consideramos ser o leão do nosso quadro de caça. Não é todos os dias que se tem a felicidade, nesta actividade deveras ingrata de bibliógrafo, de deparar com um ressuscitado tão importante como Max Buchner (1846-1921), o único explorador alemão da Lunda que não deixou livros sobre as suas viagens. Em Portugal só é conhecido por uma conferência de uma dezena de páginas publicada em Luanda em 1881. O que é manifestamente pouco para um homem que permaneceu mais de dois anos em Angola (actual) e mais de seis meses na corte do Muatiânvua (Mwaant Yaav), em 1879-1880. Pressionados pelo tempo e sem ter mãos a medir, nem sequer o mencionámos na nossa tese. Quanto ao autor lusófono que aparentemente mais o utiliza, apenas cita na bibliografia dois dos seus trabalhos (cerca de 20 páginas). Ora Beatrix Heintze²², que acaba de coligir as suas publicações, apresenta-nos 39, que ocupam 483 páginas de interesse capital para a história da exploração, da etnografia e da linguística angolanas. Trata-se de uma revelação de cariz idêntico ao da que constituiria a tradução e a publicação integrais do diário de Silva Porto pela Hakluyt Society. O mais provável, e com grande pesar nosso, é já nem sermos vivos quando aparecer o último volume simplesmente em português. Seja qual for o ponto de vista que adoptemos, este livro deveria ser traduzido para os Angolanos, dado ser tão importante como o de Laszlo Magyar, cuja publicação da versão portuguesa em Luanda já foi anunciada — há quantos anos? — e é desesperadamente aguardada. Mas quem é que está preocupado com a edição de textos «colonialistas» num país onde, no momento em que escrevemos, a população faminta do Huambo já comeu os seus cães, os seus gatos, as suas flores e começa agora a desenterrar as sementes do seu milho?

Um dos que por certo chorarão os cães e os gatos é o antigo coronel Jan Breytenbach, fundador do batalhão 32 (com soldados da FNLA) e das uni-

22 Beatrix Heintze (coord.), *Max Buchners Reise nach Zentralafrika. 1878-1882. Briefe, Berichte, Studien*, Colónia, Rüdiger Köppe Verlag, 1999, 539 páginas, gravuras, índice.

dades de Bushmen (angolanos) do Exército sul-africano. Sobre Angola, de sua autoria, conhecíamos dois livros, mas o seu *Eden's Exiles*²³ é desconcertante. Sabíamos que se tratava de um duro, mas como adivinhar que sob aquela capa de búfalo bronco se escondia um indomável *ecowarrior*? Um homem que convive familiarmente, durante anos, com um leão adulto, depois com dois ainda jovens e um grande leopardo em sua casa, a poucos quilómetros da fronteira sul de Angola (ou antes da Savimbilândia), poderá deixar surpreendido o filósofo, que, no entanto, já viajou um pouco e até viu, em 1973, atracado em Cuangar, no Cubango, o barco português que esse oficial «sequestraria» aquando da derrocada portuguesa de 1974-1975. Mas que este coronel — o mais condecorado do Exército sul-africano — que declara encolerizado a um bóer, caçador furtivo de elefantes na faixa de Caprivi, «I have killed a lot more people than you have shot elephants» (p. 218) seja um defensor da fauna selvagem do Sudeste de Angola (Quando-Cubango) e se torne, por esse facto, um adversário confesso da UNITA, uma vez que esta mandou matar os animais para financiar o seu esforço de guerra, não corresponde ao *politically correct* de que se estaria à espera. Com efeito, este autor, um pára-quedista que colabora com as forças portuguesas desde 1970 em Luiana e na coutada do Mucusso (pp. 8-27), recupera os Flechas da PIDE (pp. 79-82), desempenha um papel preponderante na operação Savannah de 1976 contra o MPLA (pp. 94-104), tem um coração de ouro quando se fala de animais. No Inverno de 1986 vai, juntamente com os seus homens, ajudar Savimbi na ofensiva contra Cuíto Cuanavale, mas aquilo com que depara (pp. 247-255) deixa-o enfurecido. Da abundante fauna selvagem (inclusive os *big five*) de outros tempos, não vê nem um só exemplar nos 4000 km que percorre através do mato angolano, e este «cavaleiro branco» do ambiente descobre o conluio dos serviços secretos militares sul-africanos com uma rede mafiosa portuguesa no Rundu. Exportam marfim para Hong-Kong. Reformam-se em 1988 e denuncia a propaganda da UNITA (p. 247). O seu livro, que se lê de uma assentada, constitui um contributo — secundário, é certo, mas fascinante — para o conhecimento do período que decorre entre 1970 e 1988. Estranhos arcanjos estes que lutavam contra os «barões dos cornos de rinoceronte» neste «paraíso» de que, no futuro, se falará ainda muito.

Continuemos no Sul de Angola com dois títulos. *Senhores do Sol e do Vento*²⁴ é o livro de um português retornado de Angola que descobre ter nascido bastante perto do Vau de Pembe (a grande vitória dos Cuamato em

²³ Jan Breytenbach, *Eden's Exiles. One Soldier's Fight for Paradise*, cidade do Cabo, Queillerie Publishers, 1997, II + 259 páginas, fotos a cores, um mapa.

²⁴ José Bento Duarte, *Senhores do Sol e do Vento. Histórias Verídicas de Portugueses, Angolanos e Outros Africanos*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, 314 páginas.

1904) e que dispõe de uma série de histórias para contar aos seus contemporâneos acerca da conquista — por vezes épica — do Sul de Angola. Não lhe interessa o patriotismo em voga de 1885 a 1974, mas a possibilidade de fazer reviver, num estilo agradável, uma galeria de personagens políchromas que, ao que parece, já pouco evocam às jovens gerações. Por outras palavras, trata-se de um bom trabalho de divulgação, fundado no conhecimento das fontes impressas, com alguns elementos novos sobre 1904. *Vou lá Visitar Pastores*²⁵, de um angolano de origem portuguesa, é um livro curioso. Professor de Antropologia (?) na Universidade de Luanda, cineasta, poeta, etc., o autor simula a transcrição de cassetes destinadas a relatar a um correspondente as suas viagens na província do Namibe (antiga Moçâmedes) entre 1992 e 1997, junto dos Cuvale, bovímanos que têm fascinado mais do que um autor. De facto, por trás do tratamento literário há muitos elementos retirados da antropologia à moda da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris), sustentados — o que é tão louvável como inesperado — por uma estrutura histórica muito sólida (a bibliografia é disso testemunho). Além do mais, ao recolher as tradições orais, ele documenta a «guerra» de 1940-1941, lançando alguma luz na situação vivida depois da intervenção dos Cubanos e dos Sul-Africanos. Fala de um livro que ele próprio publicou em Luanda — e portanto inacessível ao crítico — e de trabalhos namibianos reveladores de que domina o terreno em que se move. É sempre bom romper as fronteiras científicas e políticas quando se trata de etnias retalhadas.

Mantenhamo-nos na política com dois livros que também têm que ver com Angola. *Ainsi sonne le glas*²⁶ é o testemunho de um apoiante do marechal Mobutu que relata em meia dúzia de páginas como Savimbi e José Eduardo dos Santos prosseguiram a sua guerra no Zaire em 1997. Conselheiro para as questões de segurança, o autor está em boa posição para nos facultar (pp. 207-208, 241-248 e 315-316) um certo tipo de precisões que não se encontram, aparentemente, noutros lugares acerca do apoio prestado por Savimbi ao seu amigo. Gosta de citar os clássicos. Há algo de rei Lear no abandono do ditador por parte do seu exército, incompetente e traidor, segundo o autor. Savimbi teve palavras muito duras em relação a estes generais de opereta. Estava treinado. *Mémoires d'Afrique*²⁷ tem outro nível político, já que se trata da elaboração e da condução das relações da França com toda

²⁵ Ruy Duarte de Carvalho, *Vou lá Visitar Pastores. Exploração Epistolar de Um Percorso Angolano em Território Kuvale (1992-1997)*, Lisboa, Cotovia, 1999, 371 páginas, ilustrações.

²⁶ Honoré N'Gbanda Nzambo Ko Atumba, *Ainsi sonne le glas! Les derniers jours du maréchal Mobutu*, Paris, Editions Gideppe, 1998, 447 páginas, fotos a cores e a preto e branco.

²⁷ Guy Penne, *Mémoires d'Afrique (1981-1998). Entretiens avec Claude Wauthier*, Paris, Fayard, 1999, 395 páginas, índice.

a África de 1981 a 1986 pelo conselheiro de Mitterrand, tal como são relatadas na sequência de uma longa série de entrevistas. Contam-se anedotas, fazem-se revelações, traçam-se perfis, há poucos ataques *ad hominem*, o que constitui um grande alívio. As páginas respeitantes às antigas colónias portuguesas são bastante numerosas no conjunto (pp. 175-183, 185-191 e 194-195). O interessante é tudo aquilo que se fica a saber depois. Assim, «Pik» Botha declara a Guy Penne que, «em caso de ‘necessidade’, os Sul-Africanos de modo algum hesitariam em bombardear a capital moçambicana» (p. 185). Está-se em 1983. Desta leitura parece poder concluir-se que — embora algumas das suas apreciações sobre o pessoal diplomático ou político dos PALOP sejam discutíveis — o conselheiro tinha um conhecimento muito razoável deste terreno relativamente distante para um francês, ainda que informado em virtude das funções que desempenhava.

Outros sectores: *Mazanga*²⁸ é um romance histórico (primeiros contactos entre os Portugueses e os Africanos em Luanda-barragem do Cuanza) de um branco que permaneceu em Angola. Não temos observações a fazer a não ser que para se compreender tudo é necessário absorver um léxico kikongo e kimbundu de 12 páginas. Tratar-se-á de uma sobrevalorização da cor local ou antes o sinal — irremediável — do afastamento do português europeu? O opúsculo de A. Alberts²⁹ marca, também ele, à sua maneira, uma ruptura naquilo que se julgava ser inabalável: o calvinismo dos bóeres de Angola. O autor, que sente *saudade* da Angola da sua juventude, a anterior à partida da Huíla, introduz a metafísica no Sul de Angola. Mas eis que, sem estarmos à espera, deparamos com alguém sem dúvidas de fé. E aí, a bem dizer, optamos por ficar com o nosso ocapi! Conhecíamos livros sobre Angola publicados no México, na Nicarágua, talvez no Panamá, mas na Costa Rica ainda não sabíamos de nenhum. E trata-se de um texto que à extrema raridade alia a utilidade, já que *Misión Manchada de Sangre*³⁰ é a biografia e a correspondência de um padre salesiano costa-riquenho abatido numa picada perto de Calulo pelas tropas da UNITA a 4 de Janeiro de 1991. O que aqui nos atrai são as cartas deste jovem missionário descrevendo a sua vida e a situação no interior (Dondo, Calulo, Luena). É um homem inteligente, com muitos e variados interesses: a miséria, a missão, a interminável crise militar, as perseguições anticatólicas, a tomada de Calulo (27 de Janeiro de 1990) pela UNITA após a fuga do MPLA, etc. Como tem o tempo por sua

²⁸ Alberto Oliveira Pinto, *Mazanga*, Lisboa, Caminho, 1999, 167 páginas.

²⁹ A. Alberts, *Twee gelooflose christene. Twee legendes uit die Angola-Boeregeskiedenis*, POB 655, Groblersdal 0470 (África do Sul), A. Alberts, 1999, 48 páginas, fotos.

³⁰ Luis Pacheco, *Misión manchada de sangre. Biografía del padre Marco Aurelio Fonseca Calvo S. D. B. Mártir de Cristo en Angola*, San José (Costa Rica), Colegio Técnico D. Bosco, 1997, 126 páginas, fotos a cores.

conta (sete anos), o seu testemunho não possui a fugacidade impressionista da reportagem. Será que todos os ocapis estão condenados a desaparecer? São já muitos os textos de missionários de todas as confissões, apanhados no meio do caos reinante, que colhemos para Angola e Moçambique. E ainda há mais.

Só no que respeita a Moçambique, recuperemos o fôlego, pois a caça começa de novo a pulular. Nem sempre, aliás, a que gostaríamos de encontrar. Tal como Nelson Saúte, que na p. 17 do seu *Maputo*³¹ repentinamente declara: «Os bichos aterrorizam-me.» É tanta a propaganda introduzida sub-repticiamente nos álbuns fotográficos que as ditaduras e os jovens Estados (muitas vezes coincidem) custeiam a si próprios que, por princípio, desconfiamos dessas montras mentirosas. Mas, com este livro de 123 fotos, tratar-se-ia, isso sim, de contrapropaganda ao regime que vigora desde a independência, já que o tema dominante é a africanização de uma cidade outrora branca e onde agora reina a pobreza. É também uma declaração de amor do autor à sua cidade e aos seus novos ocupantes. Assinale-se uma cronologia séria, que cobre o período de 1500 a 1976, ilustrada por fotos de arquivos. O livro é um êxito gráfico e literário, mas é porventura o seu interesse sociológico que prevalece. Do mesmo autor, *Os Habitantes da Memória*³² é uma série de entrevistas feitas a escritores moçambicanos mais ou menos implicados na luta nacionalista antes e depois da independência. Enquanto tal, os seus depoimentos interessam ao historiador. Há mesmo um opositor de Samora Machel e de... Gungunhana. Um bom sinal para o futuro da democracia.

Mais longe das nossas preocupações, *Estórias Abensonhadas*³³, de Mia Couto, podem ser objecto de exploração marginal por parte dos antropólogos/etnólogos e até dos sociólogos. Há factos que pertencem ao domínio do político mesmo nestes contos. E há-os em muito maior número no enfoque panmoçambicano de um antigo administrador colonial, caçador e coleccionador de tradições populares, Edgar Nasi Pereira³⁴. Assinalam-se sobretudo as páginas dedicadas aos Maconde, aos Makwa, aos Zambezianos dos anos 40 e 50. Apreendem-se coisas sobre as relações entre os Africanos e os seus administradores da época. Não sabemos se o autor era representativo da sua

³¹ Nelson Saúte, *Maputo. Desenrascar a Vida*, Lisboa, CNCDP, 1997, 159 páginas, numerosas fotos a preto e branco (texto em português e inglês).

³² Nelson Saúte, *Os Habitantes da Memória. Entrevistas com Escritores Moçambicanos*. Praia-Mindelo, Embaixada de Portugal, Centro Cultural Português, 1998, 345 páginas, fotos a preto e branco.

³³ Mia Couto e João Nasi Pereira (ilustrações), *Estórias Abensonhadas*, Lisboa, Caminho, 2.^a ed. ilustrada, 1998, 159 páginas, numerosos desenhos a cores.

³⁴ Edgar Nasi Pereira, *Mitos, Feitiços e Gente de Moçambique*, Lisboa, Caminho, 1998, 214 páginas, ilustrações.

profissão. Pela forma como as descreve, dir-se-ia que as relações entre dominados e dominadores eram edénicas. Falamos do Moçambique colonial. Mais um paraíso?

Dedicamos aos historiadores e politólogos puros e duros a nossa recensão do *Historical Dictionary of Tanzania*³⁵, que bem poderia ser mais pormenorizado e desenvolvido no que respeita ao território tanzaniano vizinho de Moçambique. Os Maconde têm direito a sete linhas, não há entrada para o triângulo de Kionga, nem para os Portugueses. Newala/Nevala? Silêncio absoluto. Trata-se, na realidade, de um dicionário para principiantes, que se confina às suas fronteiras e cujo recheio também não é muito entusiasmante. Nem sequer um índice! Apenas a bibliografia poderá interessar marginalmente a Moçambique. Muito mais trabalhadas são as comunicações apresentadas a um seminário de 1996. São 15, todas elas emanando de lusófonos e do especialista alemão que ensina em Moçambique em condições que só o apostolado e o sacrifício permitem suportar: G. Liesegang. É ele, aliás, o autor do contributo mais original com o seu texto sobre M. Thoman (1788), um missionário austro-alemão que viveu em Moçambique e deixou o seu testemunho sobre este país na época de Pombal. Há também um artigo interessante sobre os chineses em Moçambique. No conjunto, este *Moçambique: Navegações, Comércio e Técnicas*³⁶ é uma daquelas recolhas que se gostaria de ver multiplicarem-se para bem dos PALOP. Nem palavrado, nem ideologias: apenas factos. É tudo o que se pede.

*Fragments of Our Time*³⁷ é um livro de memórias de um antigo embaixador americano na Alemanha e, enquanto tal, um texto importante para o estudo da guerra fria. Citamo-lo porque, quando ainda jovem, no início da sua carreira diplomática, foi colocado no consulado-geral em Lourenço Marques, importante centro de espionagem durante a segunda guerra mundial. Quando chega, em 1944, o diplomata tem de enfrentar o *rappel* da OSS (antepassada da CIA), exigido pelo governador-geral, que não apreciava o facto de os Americanos subornarem os seus adjuntos e o chefe da polícia. Não deixa de ser irónico que, depois da guerra, os Americanos tenham obtido as propriedades — entre as quais as plantações de sisal — alemãs, inclusive o consulado-geral dos nazis. Foi-lhe, assim, possível medir a amplitude das redes alemãs em Moçambique através dos papéis não destruídos.

³⁵ Thomas P. Ofcansky e Rodger Yeager, *Historical Dictionary of Tanzania*, Lanham, MD, The Scarecrow Press, 2.^a ed., 1997, xxxiv+293 páginas.

³⁶ *Actas do Seminário. Moçambique: Navegações, Comércio e Técnicas*, Lisboa, CNCDP, 1998, 386 páginas.

³⁷ Martin J. Hillenbrand, *Fragments of Our Time. Memoirs of A Diplomat*, Athens, Geórgia, The University of Georgia Press, 1998, xi+414 páginas, index.

Olhando para o que as fontes rodesianas têm para nos oferecer, encontramos elementos interessantes para a história de Moçambique. Primeiro, em *Britain's Rebel Air Force*³⁸, consegue obter-se uma boa vintena de páginas sobre os ataques aéreos conduzidos a partir de 23 de Novembro de 1977 (Chimoio) contra as bases moçambicanas dos guerrilheiros shona de Robert Mugabe. A aviação rodesiana, minúscula (150 pilotos no máximo), mas uma das melhores no seu tempo na actividade antiguerrilha, desferiu golpes muito duros em Moçambique (e até em Angola, ao bombardear o campo dos Ndebele de Joshua Nkomo perto de Vila Luso/Luena a 26 de Fevereiro de 1979), sobretudo na parte meridional. O livro dirige-se a um público especializado na história das operações aéreas, mas sem maniqueísmo. Em contrapartida, as memórias de Ian Smith³⁹ estão impregnadas do travo amargo da derrota. O seu encontro com Salazar (1964) deixa-o fortemente impressionado: «Had he stayed on for an extra decade, Rhodesia would have survived» (p. 73). A lucidez nem sempre estará presente, sobretudo quando se mostra convencido de que os elementos ultra entre os colonos e os militares hostis ao MFA seriam capazes (Verão de 1974) de levar a melhor contra a FRELIMO e, sobretudo, Lisboa, formando uma federação com a Rodésia e a África do Sul e deixando para o Malawi a parte de Moçambique a norte do Zambeze (pp. 160-161). John Vorster mostrou-se hostil a este projecto, que não escondia a mão de Jardim e que chegava tarde de mais, indo contra as tendências centralizadoras de Lisboa (antes de 1974). O autor não mostra neste livro grande interesse por Moçambique. Uma tradição entre os «netos» de Cecil Rhodes.

«[...] aquilo que mais me apetecia fazer era pegar numa metralhadora e matar quase todos os portugueses à vista [...] são um bando de hipócritas viscosos com uma grande cara sorridente e uma faca em cada mão», escreve (29 de Abril de 1961) Janet Mondlane à família numa carta que faz parte (p. 210) de *O Meu Coração Está nas Mãos de Um Negro*⁴⁰. Os biógrafos dos homens políticos geralmente não dão a devida atenção à influência que a mulher ou companheira desses homens exerce sobre as suas orientações. E eis que agora passamos a conhecer melhor Janet do que Eduardo Mondlane, o primeiro presidente da FRELIMO. Este livro foi composto a partir de entrevistas e de cartas (confiadas por Janet) por uma autora que é, ela própria,

³⁸ Roy Nesbit, Dudley Cowderoy e Andrew Thomas, *Britain's Rebel Air Force. The War from the Air in Rhodesia (1965-1980)*, Londres, Grub Street, 1998, 175 páginas, fotos, índice.

³⁹ Ian Smith, *The Great Betrayal. The Memoirs of Ian Douglas Smith*, Londres, Blake, 1997, x+422 páginas, fotos, índice.

⁴⁰ Nadja Manghezi, *O Meu Coração Está nas Mãos de Um Negro. Uma História da Vida de Janet Mondlane*, Maputo, Centro de Estudos Africanos e Livraria Universitária, 1999, 411 páginas, fotos.

branca e casada com um africano. O seu texto contém numerosas revelações, a começar pela notícia de que Mondlane é o verdadeiro autor de *Chitlangou, fils de chef*, quando pensávamos que não era senão o informador do pastor suíço André Clerc. Aliás, é nos meios protestantes que nasce o idílio entre esta americana de 17 anos e o moçambicano de 31, e é visível a quota-parte enorme que eles representam neste livro. Adriano Moreira, amigo de Mondlane, é um dos raros portugueses de quem a nossa Janet militante gosta (pp. 156-157). É óbvio que ela tem problemas de identidade, e isso far-se-á sentir ao longo de toda a sua vida. Em contrapartida, a sua qualidade de americana, que sabe como chegar ao coração dos meios financeiros, foi um forte trunfo nos começos de vida da FRELIMO. O livro não elucida sobre o assassinio de Mondlane, e há subentendidos incómodos para a coesão da FRELIMO. Há ainda outros elementos que o leitor descobrirá por si e são do âmbito do privado. Notemos simplesmente a seguinte declaração de Graça Machel: «A FRELIMO tem uma grande dificuldade em aceitar a igualdade da mulher» (p. 340). E se fosse só isto... Encontrar-se-ão neste livro certas explicações para as crises de um partido que se pretendia popular e que muitas vezes era tão-só totalitário, mesmo com os seus próprios membros (pp. 367-383). Trabalho útil, portanto, apesar das omissões.

Do mesmo editor, mas muito mais austero, é um trabalho antigo, mas reeditado, que nos faz mergulhar de novo nos tempos «heróicos» em que os comunistas da África do Sul dominavam com a sua influência o Centro de Estudos Africanos de Maputo, sob a batuta de Ruth First. O seu *O Mineiro Moçambicano*⁴¹, de 1977, permanecerá, incontestavelmente, o seu trabalho pioneiro e o mais inovador da sua equipa. Estava tudo reunido para ir no sentido da história da época. O que não sabemos é se o *Black Gold* (Harvester Press, Brighton, 1983), de Ruth First, é uma simples tradução ou um texto diferente. O título inglês não se consegue encontrar à venda, e não deixa de ser estranho, tratando-se deste assunto. Esgotado? Nunca o vimos e é pena.

Mais acessível, citemos *The Mozambican Press*⁴², que é uma dissertação de mestrado holandesa sobre as relações conflituosas entre o poder colonial frelimista e os jornalistas. Nunca houve liberdade de imprensa em Moçambique antes do período actual (e mesmo assim!). Todos o sabem, e este estudo vem lembrá-lo de uma forma articulada e nítida. Citemos, em domínios muito mais especializados, duas outras dissertações de mestrado também

⁴¹ Ruth First (coord.), *O Mineiro Moçambicano: Um Estudo sobre a Exportação de Mão-de-Obra em Inhambane*, Maputo, Centro de Estudos Africanos, 1998, x+242 páginas.

⁴² Aida Gomes da Silva, *The Mozambican Press, a Historical Overview and a Political Analysis*, PO Box 9104, 6500 HE Nijmegen (Holanda), Development Studies, DWC, 1996, vi+93 páginas, fotos.

provenientes da Holanda. A primeira, *Zikomo Malawi!?*⁴³, cujo tema é explicado no subtítulo, transporta-nos ao período pouco glorioso em que Moçambique não exportava senão três «produções»: castanha de caju, camarões e... refugiados, estes últimos sobretudo para o Malawi. Só neste país as Nações Unidas gastaram perto de 250 milhões de dólares entre 1987 e 1995 com os refugiados. Depois do seu regresso, foram transferidos para o Malawi 35 milhões de dólares em infra-estruturas e equipamentos. É o que Molenaar desenvolve. Mais técnico ainda, o texto de Hennie Roorda⁴⁴ estuda a descentralização do ensino básico em Moçambique a partir de inquéritos no terreno e por questionário, nomeadamente nas províncias de Nampula e de Maputo. Saudamos a cooperação holandesa e esperamos que os Moçambicanos sobrevivam a todos estes peritos que lhes querem bem. Não sabemos se é lisonjeador ou exasperante servir de cobaia em tantos assuntos. De que lhes poderão servir os politólogos, que, de livro em livro e de língua em língua, dizem todos mais ou menos a mesma coisa? Ao fim de 150 títulos, capítulos ou artigos, o bibliógrafo sente náuseas e tem vontade de lhes dizer: sejam originais, surpreendam-nos, venham ao encontro dos historiadores. Aí, sim, encontrarão numerosos campos virgens. Mas, por favor, não nos falem mais da acção das Nações Unidas, da crise da FRELIMO, da RENAMO, das eleições, das minas, dos refugiados, da corrupção. Tornar-vos-eis tão entediados quanto aqueles caçadores ricos que pagam 15 ou 20 000 dólares para trazerem com eles uma amibiase e um par de dentes de elefante maiores do que os do presidente do seu clube de golfe e publicam depois as suas «explorações».

Apesar das suas qualidades, o texto de Sabine Fandrych⁴⁵ não pode reivindicar-se de novidade, uma vez que a gestão e solução da guerra civil em Moçambique já foi objecto de tantos textos contraditórios em meia dúzia de países que o assunto se tornou do foro estritamente académico. E, se dominassem um pouco que fosse o estado da questão, os directores ou supervisores destes trabalhos orientariam os seus estudantes para assuntos menos repisados. Mas será que ainda os há, dada a inflação medonha de dissertações, teses e trabalhos diversos? Será que se faz a guerra para conferir um diploma a obscuros — e por vezes arrogantes — especialistas que se encontram lá longe? Fandrych tem, pelo menos, o mérito de ter absorvido centenas de fontes e comentários, cuja enumeração ocupa 14 páginas e é

⁴³ Krista Mirjam Molenaar, *Zikomo Malawi!? The Extent to Which the Assistance to Mozambican Refugees in Malawi Was Linked to the Development of the Host Country*, PO PO Box 9104, 6500 HE Nijmegen (Holanda), Development Studies, DWC, 1997, ix+134 páginas, fotos.

⁴⁴ Hennie Roorda, *Decentralisatie in het Mozambikaanse Basisonderwijs. Een studie naar het implementatiepotentieel van onderwijsdecentralisatie*, PO Box 9104, 6500 HE Nijmegen (Holanda), Development Studies, DWC, 1998, viii+113 páginas, ilustrações.

⁴⁵ Sabine Fandrych, *Konfliktmanagement und — regelung der Vereinten Nationen in Mosambik. Übertragbares Modell oder erfolgreiche Ausnahme?*, Hamburgo, Institut für Afrika-Kunde, Hamburgo, 1998, vi+212 páginas.

extremamente equilibrada nas suas conclusões. É pouco provável, em nossa opinião, que o modelo de intervenção da ONU possa ser transposto para outro lugar, e muito menos para Angola, nas condições actuais.

*Africa's Second Wave of Freedom*⁴⁶ tem um capítulo de um antropólogo, Harry G. West, que conhece bem os Maconde. Pode, pois, esclarecer-nos sobre as autoridades tradicionais durante e depois da guerra civil (nomeadamente por ocasião das eleições). É muito crítico no que respeita à herança portuguesa em Moçambique (p. 78). Nada disto oferece surpresa. Mas agora temos uma e grande, pois a América Latina está a descobrir aos poucos a África lusófona. Não falamos dos Brasileiros — bastante discretos desde que a «revolução» perdeu o seu brilho — nem dos Cubanos, que deixaram de publicar — ao que parece — material sobre a Angola «internacionalista», mas de um equatoriano que, juntamente com os Médicos sem Fronteiras, reergue em 1994 uma missão sanitária em Milange, região na posse da RENAMO. Este médico humanista e comovente defronta um daqueles enfermeiros politiqueros da FRELIMO, arrivistas e incompetentes. O interesse de Puertas Donoso⁴⁷ reside no facto de nos dar a conhecer Doa (Zambézia) em Agosto de 1993 numa zona detida pela RENAMO, onde se encontra a convite de um comandante local. Depois vai a Tete (Setembro de 1993), onde constata o caos nascido da rivalidade entre as ONG que disputam entre si os vários sectores. O seu testemunho é importante para se ficar a conhecer a reinstalação dos refugiados e o regresso dos combatentes à vida civil. Assiste-se mesmo a um motim dos soldados da FRELIMO em Milange em Abril de 1994. O ponto alto da sua experiência parece ser a visita, em Junho de 1994, aos meninos-soldados da RENAMO no campo de Mongola (Zambézia). Tem histórias vibrantes. Tudo leva a crer que o original em espanhol seja o primeiro livro de um equatoriano sobre os PALOP. Mas podemos estar enganados e estamos prontos a retractar-nos.

*Mozambique. Perspectives on Aid and the Civil Sector*⁴⁸ poderia subtitular-se «New Messiahs in Search of New Lazaruses to Help» (p. 88), já que uma boa parte desta recolha de dez contributos é consagrada às relações entre as ONG estrangeiras, a administração moçambicana, o Fundo Monetário Internacional e os Estados doadores. Não é saudável para um país como Moçambique depender tão estreitamente da generosidade ou da boa vontade

⁴⁶ Lyn Graybill e Kenneth W. Thompson (coord.), *Africa's Second Wave of Freedom. Development, Democracy, and Rights*, Lanham, MD (EUA), 1998, University Press of America, xviii+208 páginas.

⁴⁷ Benjamin Puertas Donoso, *Across the Footsteps of Africa. The Experiences of An Ecuadorian Doctor in Malawi and Mozambique*, Trenton, NJ (EUA), Africa World Press, 1999, xvi+242 páginas, índice.

⁴⁸ David Sogge (coord.), *Mozambique. Perspectives on Aid and the Civil Sector*, Oegstgeest (Holanda), Gemeenschappelijk Overleg Medefinanciering, 1997, vi+223 páginas.

dos estrangeiros. As pretensões ridículas dos primeiros anos da independência deram lugar a uma mentalidade de carência de ajuda para tudo. Neste texto compósito respigam-se elementos pouco conhecidos sobre a nova sociedade, os *media* (capítulo muito interessante), as rivalidades nacionais, etc. Tudo isso é útil.

*Rebuilding the Mozambique Economy*⁴⁹ tem, pelo menos, a grande vantagem de nos fornecer estatísticas recentes e cada um fará o que bem lhe aprouver das suas directivas. Ler o jargão dos peritos do Banco Mundial e conseguir sobreviver é já uma vitória. Há momentos em que chegamos a preferir as narrativas sobre a caça às zebras. *Evaluating Economic Liberalization*⁵⁰ contém um capítulo sobre a reforma económica e a reconstrução em Moçambique (pp. 163-185). Mostra que as autoridades aplicam relativamente bem as reformas impostas pelo FMI. Alguns observadores consideram que essa é a única hipótese que elas têm e que as coisas não podem senão melhorar, tendo em conta o abismo em que o país tinha caído (pp. 180-181).

Terminemos este safari caótico com um quarteto que pretendemos ecuménico. A artilharia pesada é fornecida pelos missionários italianos que estão em vias de deixar o mercado do livro religioso moçambicanista no estrangeiro saturado. Celebram os seus 50 anos de apostolado com livros de história que ultrapassam, cada um, as 400 páginas. *Mozambico: 50 anni di presenza dei missionari comboniani*⁵¹ é um balanço cujo autor enumera da seguinte forma as actividades que recenseia: (1) início da evangelização (1946-1967); (2) a Igreja da profecia (1967-1974); (3) a Igreja da comunidade (1974-1982); (4) a Igreja dos mártires (1983-1992). O ponto forte deste meio século é a expulsão dos combonianos nos princípios de Abril de 1974 pelas autoridades coloniais, o que, tendo em conta a data, não lhes trouxe sorte. O epicentro das actividades desta congregação foi e continua a ser a província de Nampula. O texto apoia-se num trabalho de arquivo notável e o autor foi ele próprio missionário em Moçambique durante nove anos. Trata-se de um optimista. Muitos pormenores sobre a guerra civil. Deveria, no entanto, ter juntado uma bibliografia recapituladora.

*In Africa con Francesco d'Assisi*⁵². Aqui trata-se dos capuchinhos de Trento e de Bari. Os primeiros chegaram a Moçambique em 1947. Traba-

⁴⁹ Luis Landau, *Rebuilding the Mozambique Economy. Assessment of a Development Partnership*, Washington, D. C., The World Bank, 1998, xviii+89 páginas, ilustrações.

⁵⁰ Mark McGillivray e Oliver Morrissey (coords.), *Evaluating Economic Liberalization. Case-Studies in Economic Development*, vol. 4, Basingstoke, Hamps (Grã-Bretanha), Macmillan Press, 1999, x+240 páginas, índice.

⁵¹ Arnaldo Baritussio, *Mozambico. 50 anni di presenza dei missionari comboniani*, Bolonha, Editrice Missionaria Italiana, 1997, 480 páginas+87 fotos.

⁵² Vito Valler, *In Africa con Francesco d'Assisi. 50 anni dei cappuccini di Trento in Mozambico*, Bolonha, Editrice Missionaria Italiana, 1998, 424 páginas, fotos a cores e a preto e branco.

lham sobretudo na Zambézia. O autor não revela maiores simpatias pelo regime colonial do que o seu colega de ofício anteriormente citado. Dado as missões estarem implantadas entre a costa e o Malawi, viveram anos tormentosos e também tiveram os seus mártires. O autor dá mostras de se interessar pela etnologia e — um pouco — pela história do país. Fornece a biografia dos missionários falecidos. Grande quantidade de pormenores sobre os crimes da RENAMO no tempo da guerra. Estamos, pois, em ambos os casos, perante um historial dos últimos 50 anos de dois distritos/províncias de Moçambique vistos por italianos.

Outro sector, o Sul do Save, entre o rio e Inhambane, nas cartas de uma freira das missões da Consolata activa (enfermeira) em Moçambique entre 1965 e 1975, o ano da sua morte. Trata-se mais de testemunhos prestados por pessoas que a conheceram do que de uma perspectiva da situação local. Todavia, *La Strada di Angela*⁵³ fala-nos de uma zona de Moçambique pouco representada na literatura missionária católica.

Para concluir, é altura de tocar o halali com um livro de um expatriado britânico protestante chegado em Fevereiro de 1989 a Maputo para ajudar a administrar o porto. Confessa que, há dez anos, a maioria dos seus compatriotas era incapaz de indicar num mapa-múndi onde ficava Moçambique. Só começaram a abrir os olhos quando a televisão passou a transmitir imagens da guerra, da miséria e dos horrores. Quanto a ele, é anglicano praticante, abraça a causa humanitária, empenhando-se, nomeadamente, na construção de uma escola e de várias outras instalações para os pobres da capital e dos arredores. Ajuda também as Irmãs de Madre Teresa em Nampula. Gosta, acima de tudo, dos Moçambicanos, que lhe transformaram a vida. Está enterrado até ao pescoço na caridade. Mas, como o autor é um britânico dos sete costados, tem-se direito a uma visita da princesa Ana e a uma cadela cheia de pulgas, a *Bingo*, rainha da recepção. *Kanimambo Mozambique*⁵⁴ não tem pretensões literárias ou de erudição, mas, para dizer «obrigado, Moçambique» e pôr um ponto final no nosso safari, chega este modesto companheiro da Bíblia de Gutenberg.

⁵³ Placida Manella e Maria Luisa Forasacco, *La Strada di Angela. Lettere di Suor Rita Rosa Castelli*, Bolonha, Editrice Missionaria Italiana, 1998, 159 páginas, fotos.

⁵⁴ Joe Williams, *Kanimambo Mozambique. Thank you Mozambique*, Londres, Minerva Press, 1998, 187 páginas, fotos.